

CENÁRIO DA VILA SÃO JOÃO: NARRATIVAS SOBRE O NORDESTE BRASILEIRO

Priscila Portela Martins ¹

RESUMO

Nesta pesquisa temos como objetivo problematizar a construção da Vila São João, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Buscando analisar os espaços cenográficos, as formas de comercialização da imagem do Nordeste, utilizando-se de produtos-espetáculos para o consumo das massas. A documentação selecionada no decorrer da pesquisa consta a entrevista com o idealizador da Vila São João, o dramaturgo João Dantas, bem como o uso de imagens fotográficas do espaço. Possibilitando uma análise descritiva, trazendo a discussão alguns dos espaços característicos do sítio que são: bodega, igreja, casa de ferreiro, casa de farinha, etc. A pesquisa de natureza qualitativa, sendo o sítio como objeto de observação e análise. O resultado inicial desta pesquisa vemos que o projeto cultural regionalista do Sítio São João, não se reduz somente a uma luta para preservar a tradição da cultura nordestina, mas na exposição deste ambiente enquanto produção de evento cultural compondo a festa junina da cidade de Campina Grande.

Palavras-chave: Vila São João, Regionalismo, Evento Cultural, Espaço Cenográfico.

INTRODUÇÃO

A Vila São João é um espaço construído com finalidade de torna-se um memorial da cultura nordestina, sua estrutura é formada por engenho; casa de farinha; artesanato; produção e degustação de caldo de cana, cachaça, rapadura e alfenim, tipografia, fotos lambe-lambe, difusora, exposição de cordel; teatro de mamulengo; casinha do morador; rádio difusora; igreja principal com pátio; capela; lago; museu iconográfico do cangaço e dois palcos para apresentações artísticas, formando um grande espaço em defesa da regionalidade do que é ser nordeste e ser nordestino.

O regionalismo torna-se uma expressão literária que buscou a valorização dos aspectos territoriais, mas o enquadramento singular deste termo regionalismo como formato de discursos das regiões nacionais, tende a serem excludentes, pois, tratamos de um território nacional amplo, que passou a ser povoado a princípio, a partir das misturas raciais do homem branco

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal em Campina Grande – UFCG, priscilaportela13@gmail.com

europeu, índios e negros, além disso, a existência de uma diversidade geográfica, composta por regiões quentes, frias, litoral, sertão, floresta, serras e entre outras características.

Trabalhar na elaboração dessa pesquisa, Cenário da Vila São João – narrativas sobre o nordeste brasileiro, proporciona um leque de temáticas que podem ser abordadas, que possam vir corroborar no ensino da História do Nordeste a partir da elaboração do estudo historiográfico das espacialidades da região do sertão, assim também, um ambiente voltado para o uso do turístico-histórico-cultural e pedagógico, alcançando outras pessoas além do campo acadêmico.

Nesta pesquisa temos como objetivo problematizar a construção da Vila São João, localizada na cidade de Campina Grande – PB. Buscando analisar os espaços cenográficos, as formas de comercialização da imagem do nordeste, utilizando-se de produtos-espetáculos para o consumo das massas

No decorrer da pesquisa a metodologia apresentada está embasada nas referências teóricas, que buscam problematizar a Vila São João um espaço de industrialização cultural. O uso de entrevista com o idealizador da Vila São João, o dramaturgo João Dantas, bem como o uso de imagens fotográficas do espaço, possibilitando uma análise descritiva.

A problematização dessa temática implicará a busca por alguns teóricos que estarão dando fundamento para entendermos que este espaço cenográfico é uma versão estereotipada de ser nordestino assim como Durval Muniz e Maura Penna, a comercialização desta imagem através do posicionamento de Canclini e a composição de festa enquanto mega evento introduzida por Elizabeth Christina e Zulmira Nóbrega. Como também o diálogo sobre o conceito de identidade através de Stuart Hall e a análise discursiva formada pelo espaço, através do teórico Michael Foucault.

A Vila São João é um resíduo da cultura regional que busca compreender a história do sertanejo, caracteriza-se uma tentativa de reprodução do que real, mas se esbarra no que é imaginário, este espaço que se familiariza com o discurso regionalista e tradicionalista investe no que podemos chamar de invenção das suas próprias tradições, pelo uso de espaço e tempo aleatórios.

A história narrada pela Vila São João pode até ser atemporal, mas não devem ser discutidos sob os parâmetros de pureza e originalidade, mas em entendimentos de que eles passam por processos de evoluções, adaptações influências de novos dispositivos tecnológicos de reprodução ou representação. Para Canclini (2008, p. 161) o patrimônio cultural é empregado em formas de “teatralização do poder”, ou seja, a teatralizar uma vida cotidiana que não condiz com o real mundo nordestino-paraibano rural (Nóbrega, 2010).

METODOLOGIA

Na metodologia, optamos em fazer uma pesquisa qualitativa que segundo a autora Helena Michel:

(...) há uma relação dinâmica, particular, contextual e temporal entre o pesquisador e o objeto de estudo. Por isso, carece de uma interpretação dos fenômenos a luz do contexto, do tempo, dos fatos. O ambiente da vida real é a fonte direta para obtenção dos dados, e a capacidade do pesquisador de interpretar essa realidade, com isenção e lógica, baseando-se em teoria existente, é fundamental para dar significado às respostas. (Michel, 2009, p. 36 e 37).

Esse tipo de pesquisa se fundamenta naquilo que os informantes apresentam, a verdade se encontra na “forma da experimentação empírica”, ou seja, a partir da análise do que é passado pelo informante de forma detalhada. Embora haja várias formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois instrumentos nos auxiliaram no momento da pesquisa: a observação e a entrevista.

Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores. (DESLANDES, 2008, p. 63).

A observação permite ao pesquisador, por meio dos sentidos, adquirir o conhecimento do cotidiano sem intermediação, os fatos são observados diretamente, no entanto, será somado a essa técnica de pesquisa, a utilização de questionário e entrevistas.

O uso da entrevista possibilitará um levantamento mais detalhado do perfil dos frequentadores da Vila São João, distinguindo entre turistas e moradores, além da percepção que eles têm sobre o espaço, sendo este um lugar que representa a identidade e cultura nordestina e quais as características que a Vila São João mais se assemelha. Segundo Bauer e Gaskel (2015, p. 64-65).

(...) a entrevista qualitativa é uma metodologia de coleta de dados amplamente empregada. Ela é, como escreveu Robert Farr (1982), “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista.

Entendemos que cada entrevista em profundidade proporciona material de análise para o pesquisador, onde serão produzidas informações não a partir das concepções do pesquisador, mas pretende-se obter informações ou relatos a partir do ponto de vista do entrevistado, material este que demandará tempo para a sua análise e interpretação.

O trabalho de campo nos permitiu aplicar o método da etnografia. Este compõe, hoje, “um amplo campo de estudo e questões teórico-metodológica, em diferentes disciplinas científicas, mantendo algumas características (...), definida: observação (...) estudo de campo descrição interpretativa da cultura.” (CHIZZOTTI; 2014; p. 70). A etnografia nos permitirá por meio da descrição das estruturas cenográficas, buscar a problematização dos espaços que compõe a vila.

As observações foram feitas em dois momentos distintos, no ano de 2018 e no ano de 2019, e nelas procuramos responder ao máximo aos questionamentos que nos eram expostos no decorrer da pesquisa. Já as entrevistas foram realizadas nos dias 30 de junho de 2018 e 23 de junho de 2019, com o idealizador do Sítio São João, João Dantas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Fotografia 1: Vila São João²



O Sítio possui mais de 2.800 peças de acordo com os seus organizadores, um espaço lúdico, construído com único objetivo: Exaltar a cultura nordestina! Uma construção de características coloniais.

² Disponível em: <HTTP:// <http://hotsta.org/alexandrexxhb> Acesso em: 8 de julho de 2019.

O seu idealizador busca através da construção cenográfica a formação de um grande museu natural, que apresentem características físicas da época da colonização, costumes, raízes e essência do ser nordestino, diferentemente de outros museus e espaços destinados à apresentação histórico-cultural, a Vila São João, almeja a interação com o seu público através da produção de alimentos e artesanatos no local.

A Vila é enriquecida com detalhes, que ganham notoriedade com réplicas de objetos e construções centenárias a exemplo do Engenho e Moinho de Pedra com 300 e 400 anos respectivamente, evidenciando o período histórico do Brasil, o tempo dos colonizadores, buscando o cultivo de comidas derivadas da mandioca (farinha, beiju, tapioca, bolo, entre outros), além da produção derivadas da cana-de-açúcar (cachaça, açúcar, caldo-de-cana, rapadura, entre outros). Ambas as produções foram essenciais na formação político-econômica na região do Nordeste, que somaram as grandes construções dos Engenhos no período colonial.

Esse tipo de pesquisa dialogará com teóricos que desenvolveram a temática sobre a festa junina, como Elizabeth Christina, que se utiliza da análise histórico-econômico-cultural do São João de Campina Grande, apresentando-se como megaevento, produto turístico a servir “modelo de festa”, que nos mostra o simbolismo cultural e tradicional das festas juninas, onde, poderemos problematizar o papel da Vila São João dentro dessa concepção de “Maior São João do Mundo”.

A festa do “Maior São João do Mundo” alcança, em seu atual estágio, as características, administração e gerenciamento de uma empresa, um megaevento, um produto turístico a servir de “modelo de festa”, não só para região do Nordeste, mas para todo o País. (ANDRADE, 2008, p. 188).

Uma das principais características do movimento modernista no Brasil, podemos destacar dois pontos de ambiguidade quando passamos trabalhar esses aspectos a partir da Vila São João. A busca em resgatar as raízes culturais brasileiras e a crítica à realidade brasileira, ambas as características se divergem na ótica de imagem regional presente na vila.

Podemos encontrar esse resgate cultural através de todo o espaço cenográfico, como também nas atrações culturais (repentistas, cordelistas, embaladores de coco, entre outros) presentes principalmente no período junino, além da divulgação da arte e comida regional, essa construção identitária torna-se uma manifestação da cultura regional da cidade.

Mas se caracteriza ao pensamento de arcaico, ultrapassado ou atrasado, na ótica da interpretação do outro, na visão de Canclini, as culturas passam a ser interpretadas no período do movimento modernista a partir da metrópole, porém, (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013)

coloca essas diferenças a partir da desigualdade socioeconômica das regiões sul e norte, ambos entendem que a crítica cultural se faz presente na perspectiva do rico ao pobre, moderno ao antigo, desenvolvido ao arcaico.

O nordestino, assim como o recorte regional Nordeste, nasceram a partir de uma série de práticas regionalistas e de um discurso regional que se intensifica entre as elites do nordeste do país, a partir do final do século XIX, quando o declínio econômico e político desta área levará a uma progressiva subordinação deste espaço em relação ao sul do país, notadamente São Paulo. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 138).

A busca de se homogeneizar a Vila São João a imagem das vilas e sítios nordestinos a partir desse discurso regionalista da seca, tornando-se esse espaço uma simulação da época, mas que se contradiz, pois, tratamos de uma região que possui diferentes fatores climáticos, com marcadores ambientais distintos a exemplo do próprio litoral versus sertão e agreste versus brejo.

Trazer um único modelo que busque essa representação de sítio, é deixado às diferenças de outro tipo de Nordeste e suas peculiaridades, mas também, por vezes distinto, o Nordeste dos grandes Engenhos de Açúcar, bastante tradicional da região.

A festa do São João é uma redefinição do cotidiano ordinário e que novas territorialidades são cartografadas quando os espaços são enfeitados para receber o São João (ANDRADE, 2008). A festa junina que marcam uma tradição nordestina sobre uma cidade moderna é uma construção dualista sobre esse Nordeste cheio de contradições.

Para Canclini, o modernismo cultural tanto impulsionou como trouxe um repertório de símbolos na construção da identidade nacional, sendo assim, a construção das identidades regionais passa a ter as suas similaridades a partir do modernismo, mas tornam-se distintas nos dos aspectos sociais de suas culturas. O próprio Gilberto Freyre desenvolve esta abordagem modernista ao retratar o Brasil no seu livro Casa Grande e Senzala, obra descritiva sobre a população brasileira.

No seu Manifesto Regionalista, Freyre se coloca como um defensor das tradições culturais nordestinas alinhadas a uma conservação social patriarcalista, esse conservadorismo defendido pelo sociólogo, diverge da ideia modernista que busca o progresso, sendo assim, a cultura escravista não se enquadraria no pensamento do mundo globalizado, que lançaria outro tipo de luta social. Freyre busca a preservação de um imaginário da cultura nordestina inerte ao passar do tempo

Freyre buscou uma inteligente conciliação, terminando por sacralizar um tipo de passado, idealizá-lo, assumi-lo como uma identidade singular e gloriosa. Apesar de certos desequilíbrios, não há razão para que ele nos envergonhe, segundo Freyre. O passado é o nosso grande espelho que nos garante um lugar privilegiado. Por isso, o grande receio que a modernização quebre o espelho e nos roube essa identidade mágica. (Rezende, 2003, p. 135).

A disseminação da globalização permite que as culturas passem por uma hibridização cultural, Stuart Hall traz o sujeito pós-moderno, aquele que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Na pós-modernidade “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às outras formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas sociais que nos rodeiam” (Hall, 2000, p. 12-13).

Com um papel fundamental das elites, a modernização e modernismo no Brasil buscou um processo de democratização para uma minoria (CANCLINI, 2015). As diferenças socioeconômicas das regiões propiciarão um desajuste cultural das classes dominantes, proporcionando uma cultura baseada em influências estrangeiras, ou seja, a cultura nacional em grande parte possui diversos indicativos de influências europeias havendo, portanto, uma hibridização cultural (CANCLINI, 2015). A modernidade passa a ser um sinônimo de pluralidade, mesclando as relações do tradicional e moderno, culto, popular e massivo.

No ponto de vista teórico aproximo-me dos conceitos de Foucault, ele trabalha a ideia de que o discurso é um conjunto de enunciados que passam a se apoiar em uma formação discursiva:

A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma e única mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidades, mas uma lei de coexistência (FOUCAULT, 1969, p. 135).

O discurso torna-se uma rede de enunciados que torna possível haver significantes, a análise foucaultiana do discurso aborda acerca do que pensamos, dizemos e fazemos caracterizando um determinado período histórico, portanto, o saber se define por possibilidades de utilização e de apropriação oferecida pelo discurso.

Além do discurso, problematizo a percepção de Michel de Certeau sobre espaço e lugar, ele coloca de forma distinta, a ideia de lugar seria um local de convívio entre as pessoas. O espaço remete a parte física e os objetos que compõe na definição desse espaço. A utilização da Vila São João como objeto de pesquisa ajudará a trabalhar esses dois conceitos

problematizados por Certeau, o lugar como ideia de convivência e a construção dos espaços a partir dos objetos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Vila São João trouxe uma sensação de familiaridade, no entanto, torna-se evidente que o espaço representado na Vila São João possui uma interpretação ambígua, visto que, a representação do espaço proporcionará reações, avaliações e significados diferentes, pois as percepções do espaço serão modificadas conforme a opinião de classes ou grupos que ali estão presentes.

O turista que não possui nenhum vínculo, com o homem do campo, a cultura regional, tradições nordestinas e tantas outras singularidades do lugar possivelmente, olhará um espaço voltado para cenografia ou um meio de conhecimento da cultura regional. Em contrapartida, a pessoa que possui, ou possuiu, alguma memória afetiva, marcada por suas experiências de vida, levará a sua memória ao sentimento saudosista.

O discurso regionalista sobre o Sertão e o sertanejo problematizará a existência de uma imagem nordestina enquanto ao pertencimento, sentir parte de algo produzirá um conceito do mesmo.

É importante entender que a formação desse discurso regionalista é produzida por alguém que não se aplica na maioria das vezes ao determinado espaço, fazendo-se necessário criticar os conceitos produzidos por eles, o movimento regionalista no início do século XX marca o indivíduo nordestino como um sujeito caricato na concepção sulista.

Porém, essa visão caricata forma-se do mesmo modo o discurso dos intelectuais nordestinos como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Gracimiliano Ramos e em seguida Ariano Suassuna, principal influência de João Dantas, por ser este o seu primo.

O Nordeste, como território da revolta, foi criado basicamente por uma série de discursos acadêmicos e artísticos. Discursos de intelectuais de classe média urbana. Uns interessados na transformação, outros na manutenção da ordem burguesa. Por isso, são obras que partem, quase sempre, de um “olhar civilizado”, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil civilizado sobre um Brasil rural, tradicional, arcaico. (Ariús apud ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.194-5).

A construção discursiva sobre a identidade nordestina na Vila São João é aceita pelas pessoas que visitam, levando-o interesse para o que é verdadeiro, mesmo sendo esse uma construção lúdica do imaginário nordestino, ao reproduzir uma casa de barro, uma bodega, capela, engenho, etc.

João Dantas traz nas emoções das pessoas o saudosismo, o pertencimento a uma identidade regional que não pode ser jamais esquecida, pois se trata de origens culturais, conforme acontecia no Centro Regionalista do Nordeste e que está escrita na epígrafe, Gilberto Freyre propõe que o Centro seja o resgate dos bons elementos nordestinos, ou seja, uma concepção social ainda enraizada no poderio rural e tingida por elementos conservadores.

O centro Regionalista com sede no Recife tem por fim desenvolver o sentimento da unidade do Nordeste há tão claramente características na sua condição geográfica e evolução histórica, e, ao mesmo tempo, trabalhar em prol dos interesses da região nos seus diversos aspectos: sociais, econômicos, culturais. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2013, p. 141).

Aqui na realidade é um memorial, espécie de museu nordestino que começa com arquitetura rural pelos meios de produção, pelo jeito de falar de cantar, dançar, de fazer sua poesia, trabalhar, de fazer suas ferramentas. (DANTAS, 2018).

Ambos os discursos se assemelham, pois possuem características discursivas regionalistas, para João Dantas, esse formato discursivo norteia sua ideia deste Nordeste tradicional como fonte sua inspiração, discurso que enfatiza a cultura nordestina, mesmo sendo estereotipado, que não define o indivíduo, sua história ou memória.

Visto que muitos nordestinos não cresceram nos moldes do sertão, mas em cidades que se desenvolveu em meio a modernidade de sua época ou mesmo que seja parte de sua história, já que muitos nordestinos que buscavam uma vida melhor, distante dos castigos da seca, buscavam o Êxodo Rural, saindo da sua terra para a cidade grande.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos relacionar esta pesquisa sobre a cenografia Vila São João a construção da imagem do Nordeste a partir da fala do seu criador.

Os discursos são marcados na produção de seus territórios existenciais e simbólicos, dentro e fora das localidades e de contextos, portanto, podemos dizer que a elaboração

discursiva sobre o Nordeste tornou-se um referencial, mesmo sendo este espaço uma construção do nosso imaginário, visto que, trazer para o sítio São João os costumes, as heranças culturais e suas tradições, demonstradas em cada espaço, objeto, imagens e bordados fazem o Sítio São João um espaço lúdico, construído como imaginário da cultura nordestina.

A ambiguidade, a contradição e o paradoxo definem a cenográfica Vila São João, onde se propõe uma interpretação da cultura nordestina durante uma linha atemporal, inicia no período colonial, com a construção do espaço Engenho, em seguida, se utiliza da casa do morador que possui características mais modernas como a utilização do rádio e ainda inclui na área externa o automóvel de 1920.

O projeto cultural do regionalismo de João Dantas não se reduz a uma luta para preservar a tradição da cultura nordestina, mas na exposição deste ambiente enquanto produção de evento cultural compondo a festa junina da cidade de Campina Grande.

O passado rural colonial é um resíduo da cultura regional que busca compreender a história do sertanejo, caracteriza-se uma tentativa de reprodução do que real, mas se esbarra no que é imaginário, este espaço que se familiariza com o discurso regionalista e tradicionalista investe no que podemos chamar de invenção das suas próprias tradições, pelo o uso de espaço e tempo aleatórios.

A história narrada por ser atemporal, mas não devem ser discutidos sob os parâmetros de pureza e originalidade, mas em entendimentos de que eles passam por processos de evoluções, adaptações influências de novos dispositivos tecnológicos de reprodução ou representação. Para Canclini (2008, p. 161) o patrimônio cultural é empregado em formas de “teatralização do poder”, ou seja, a teatralizar uma vida cotidiana que não condiz com o real mundo nordestino-paraibano rural (Nóbrega, 2010).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Invenção do Falo: uma história do gênero masculino. 2ª Ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

_____. A Invenção do Nordeste e outras artes. Recife: Massangana, 1999.

ANDRADE, Elizabeth Cristina Lima. A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano. 2ª Ed. Campina Grande: EDUFPG, 2008. 250p

CANCLINI, Néstor Garcia. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Trad: Lessa Ana Regina, 4ª Ed. Brasil, EDUSP, 2013.

CHIZZOTTO, Antonio. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. 6ª Ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 27. ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2008. 108 p.

FOUCAULT, Michel. Arqueologia do Saber. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. 244 p.

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na Pós-Modernidade. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104 p.

MICHEL, Maria Helena. Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 204 p.

NÓBREGA, Zulmira. A Festa do Maior São João do Mundo: Dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande. 2010. 316 f. Tese (Doutorado em comunicação Social) - Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. O Recife nos anos vinte: as imagens e vestígios do moderno e os tempos históricos. 2003.